

## Transição do 5º ao 6º Ano do Ensino Fundamental sob a perspectiva do Materialismo Histórico-Dialético

ARTIGO

Mara Cristina Tavares<sup>i</sup>

Universidade Federal de Catalão, Catalão, GO, Brasil

Cláudia Tavares do Amaral<sup>ii</sup>

Universidade Federal de Catalão, Catalão, Go, Brasil

1

### Resumo

Apresenta-se uma discussão bibliográfica sobre a transição crítica do 5º para o 6º ano no Ensino Fundamental, sob a ótica do Materialismo Histórico-Dialético. Tem como objetivo discutir as contribuições do Materialismo Histórico-Dialético para as práticas pedagógicas dos professores dos alunos que vivenciam o processo de transição do 5º ano para o 6º ano do Ensino Fundamental. Fundamentado em autores como Marx, Leontiev e Duarte, o Materialismo Histórico-Dialético contribui para a compreensão da educação e a prática educativa dos docentes que devem estar preparados para lidarem com a complexa transição para o Ensino Fundamental II e promoverem um ambiente educacional que considera as diversas mudanças que ocorrem nessa fase escolar. Conclui-se que entender o Materialismo Histórico-Dialético é essencial para elaboração e aplicação de práticas pedagógicas flexíveis e adaptáveis, capazes de considerar as diversas transformações sociais e emocionais que os alunos experimentam nessa transição.

**Palavras-chave:** Transição Escolar. Ensino Fundamental. Prática Pedagógica. Trabalho Educativo.

### Historical-Dialectical Materialism in the transition from the 5th to the 6th grade of Elementary School

#### Abstract

The study focuses on the critical transition from the 5th to the 6th year in Elementary School, highlighting the influence of Historical-Dialectic Materialism on pedagogical practice. Based on authors such as Marx, Leontiev and Duarte, Historical-Dialectical Materialism connects the formation of the social being to the relationship with nature through work, highlighting the importance of educational work to shape humanity in students. This is essential for a flexible and adaptable pedagogical practice, capable of considering the diverse social and emotional transformations that students experience. This theoretical work illuminates the value of Historical-Dialectical Materialism in understanding education, showing how education plays a crucial role in forming a student's identity, helping to deal with the complex transition to Elementary II and promoting an educational

environment that considers the various changes that occur in this phase of development.

**Keywords:** School Transition. Elementary School. Pedagogical Practice. Educational Work.

## 1 Introdução

2

A transição do 5º Ano do Ensino Fundamental I para o 6º ano do Ensino Fundamental II é uma temática bastante discutida no âmbito das pesquisas em Educação, como apontam autores como Silva (1997), Gusmão (2001), Paula *et al.* (2018), dentre outros citados ao longo deste texto. Dada a constante investigação nesse domínio, entendemos sua relevância para a divulgação científica e sua correlação com teorias como o Materialismo Histórico-Dialético.

Os principais problemas enfrentados pelos alunos dessas séries são o aumento no número de professores e disciplinas, a mudança de escola, além do excesso de atividades a serem desenvolvidas em casa, os trabalhos, as provas, e as mudanças biológicas e sociais típicas da idade. Tudo isso ocasiona um desconforto emocional, o que pode levar ao fracasso escolar desses estudantes (Paula *et al.*, 2018).

Não se pode deixar de apontar o número de reprovações que ocorrem nesse processo de transição como uma preocupação a ser considerada. Dados nacionais divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) demonstraram uma taxa de reprovação de 4,7% para o 5º ano. Já para o 6º ano, os índices aumentaram em 10,2%, tornando-o o ano com maior índice de reprovação em todo o Ensino Fundamental.

Dessa forma, observa-se a necessidade de que ações sejam tomadas, a fim de tornar esse caminho mais tranquilo para os alunos em processo de transição. Aponta-se que, nesse processo, o professor tem papel de relevância para pensar práticas pedagógicas que considerem as especificidades e esse momento de transição, tão delicado, que estão experimentando.

Corroborando com o exposto, Lameu (2013) discute que é preciso que os professores do Ensino Fundamental, em sua segunda fase, reconheçam as dificuldades apresentadas pelos alunos durante a transição do 5º para o 6º ano, entendam que esse processo não é fácil e que há a necessidade de uma formação continuada para compreendê-lo e intervir sobre ele. As relações interpessoais entre professor e aluno e os cuidados com a afetividade em sala de aula são de fundamental importância durante essa ruptura. Portanto, entendemos que seja preciso práticas pedagógicas diversificadas e que considerem as diferentes transformações que o aluno vivencia, tanto no campo social quanto no emocional.

Essas práticas pedagógicas diferenciadas podem ser desenvolvidas a partir do momento que o professor consiga articular a sua prática pedagógica à história e à filosofia do ser social, da ciência e da educação, tendo como fio condutor a categoria trabalho, a partir do referencial do Materialismo Histórico-Dialético (Adams e Moradillo, 2022; Moradillo, 2010). Entendemos que, por meio do movimento do pensamento e das leis fundamentais que definem a forma organizativa dos homens em sociedade, e considerando sua história, seja possível repensar e propor mudanças no cenário da transição entre essas duas séries.

À vista disso, o presente trabalho visa discutir as contribuições do Materialismo Histórico-Dialético para as práticas pedagógicas dos professores dos alunos que vivenciam o processo de transição do 5º ano para o 6º ano do Ensino Fundamental. Destaca-se que se trata de um trabalho teórico, baseado em autores como Marx (1978; 2006; 2008), Leontiev (1978), Duarte (1993, 2004, 2007, 2012, 2016), Martins (2013) entre outros. A temática surge a partir das discussões sobre o referencial teórico em questão, realizadas ao longo da disciplina “Educação e Conhecimento”, cursada no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Catalão (PPGEDUC/UFCAT).

Para a elaboração deste artigo realizamos uma pesquisa bibliográfica que discute sobre o Materialismo Histórico-Dialético e suas possíveis correlações com as práticas pedagógicas utilizadas pelos professores dos alunos que passaram pela transição do 5º ano para o 6º ano. Não estabelecemos recortes temporais, tipos de textos ou locais

específicos para investigação. Consideramos apenas os conceitos e as ideias dos textos selecionados, de acordo com a proposição de nosso objetivo.

Em relação à estruturação, este artigo se organiza em 4 tópicos: inicialmente, apresenta-se a Introdução, que busca contextualizar a temática de pesquisa; em seguida, o tópico intitulado “Aspectos Gerais do Materialismo Histórico-Dialético”, que discute o trabalho como fundante do homem, sendo essa a categoria principal do referencial teórico; o tópico “Atuação do Professor na Transição do 5º para o 6º Ano do Ensino Fundamental: o trabalho educativo em foco” que busca demonstrar como a formação do professor com base no Materialismo Histórico-Dialético pode contribuir com o processo de transição dos alunos 5º para o 6º Ano do Ensino Fundamental; por fim, apresenta-se as considerações finais, em que as reflexões sobre a temática de pesquisa são apresentadas e concatenadas com o objetivo traçado inicialmente.

## 2 Aspectos Gerais do Materialismo Histórico-Dialético

O Materialismo Histórico-Dialético foi fundado por Karl Marx (1818-1883), filósofo, economista, historiador, sociólogo, teórico político, jornalista e revolucionário socialista alemão. Ele defendia que a classe trabalhadora deveria promover uma revolução para superar a exploração do seu trabalho pela classe burguesa, ou seja, criticava o modo de produção capitalista que visa o lucro a partir da exploração do trabalho.

Assim, observa-se que o trabalho é a categoria central nas discussões do Materialismo Histórico-Dialético, sendo por meio dele que o homem se torna o que é. Sobre o processo de constituição do homem pelo trabalho, Martins (2007, p. 44) afirma que:

O trabalho é um processo que liga o homem à natureza, representando ações que, ao operarem no sentido de mudança da natureza, operam também na construção do próprio homem, modificando sua natureza, desenvolvendo suas faculdades e constituindo-o de fato como ser humano.

Sendo assim, fica clara a importância do trabalho na constituição do homem para o Materialismo Histórico-Dialético. Na visão de Marx (1978), é pelo trabalho que o homem se afirma como sujeito de sua existência, construindo um mundo humano e humanizando-se nesse processo.

O homem, por meio do seu trabalho, transforma a natureza procurando satisfazer suas necessidades (Marx, 2006), as quais estão relacionadas à busca pela própria existência. Nesse sentido, Duarte (2004) aponta que os homens, quando produzem meios para manter sua existência, passam a transformar a natureza, apropriando-se e objetivando-se. É nesse processo que surgem novas necessidades aos seres humanos.

Analisando a categoria trabalho, Moradillo (2010, p. 56) discute que “[...] o trabalho é a essência genérica do homem. Trabalho compreendido como intercâmbio orgânico do homem com a natureza e como antecipação do produto final”. Sendo que, compreender a relação do homem com o trabalho, significa entender o homem como um ser que projeta, planeja e constrói o futuro e que, ao proceder assim, vai além e produz universalmente:

O animal é imediatamente um com sua atividade vital. Não se distingue dela. É ela. O homem faz da sua atividade vital mesma um objeto de sua vontade e da sua consciência. Ele tem a atividade vital consciente. Esta não é uma determinidade (Bestmmtheit), com a qual ele coincide imediatamente. A atividade vital consciente distingue o homem imediatamente da atividade vital animal [...]. Eis porque a sua atividade é livre [...]. O engendrar prático de um mundo objetivo, a elaboração da natureza inorgânica é a prova do homem enquanto ser genérico consciente, isto é, um ser que se relaciona com o gênero enquanto sua própria essência ou [se relaciona] consigo enquanto ser genérico [...] o animal produz apenas sob o domínio da carência física imediata, enquanto o homem produz mesmo livre da carência física imediata (Marx, 2006, p. 84-85).

Pelas concepções do autor supracitado, é possível observar que o homem se utiliza da natureza para atender às suas necessidades e isso está relacionado, também, à sua consciência. Para o estudioso o homem transforma e é transformado pela natureza, sendo ele um organismo vivo, um “animal” que apresenta uma estrutura biológica, mas que possui hábitos ou comportamentos sociais (Marx, 2006).

Nesse contexto, é possível observar que há diferença no modo de produção de existência entre o animal e o homem (Adams; Moradillo, 2022). Discutindo sobre essa diferença, Leontiev (1978) e Duarte (2004, 2007) apontam que, com o objetivo de satisfazer as suas necessidades biológicas, os animais realizam atividades que podem apresentar níveis de complexidade distintas, mas sempre com o intuito de satisfação orgânica. Mas é o trabalho que transforma o animal em homem, como aponta Engels (1999), pois esse processo promove alterações anatômicas e fisiológicas no cérebro, nos órgãos e nos sentidos. Ampliando a discussão, Adams e Moradillo (2022) lembra que Engels e Leontiev apresentam que, no caso dos seres humanos, o trabalho é realizado pelo homem em busca de satisfazer suas necessidades biológicas, mas, nesse processo, criam necessidades culturais.

Dentro desse contexto, surge o modo de produção capitalista, relacionado à busca pela propriedade privada, à acumulação de capital e à procura pelo lucro, por meio do controle do modo de produção e da exploração do trabalho, que é uma atividade real e geradora de produto, portanto, valor (Marx, 1978). O capitalismo surge nos séculos XIV e XV, período marcado pela transição da Idade Média para a Idade Moderna, pela Revolução Industrial e pelo surgimento do trabalho assalariado, em que a classe trabalhadora passa a vender sua força de trabalho para atender suas necessidades de existência.

Assim, com o capitalismo ganhando força, ocorre a modificação da relação do homem com o trabalho, pois, para o capitalista, o trabalho passa a ter aspectos apenas produtivos. Segundo Marx (1978, p. 75), o trabalho produtivo “é uma determinação daquele trabalho que em si mesmo nada tem a ver com o conteúdo determinado do trabalho com sua utilidade particular ou valor de uso peculiar no qual se manifesta”. O autor ainda complementa que é produtivo o trabalhador que executa trabalho produtivo; e é produtivo o trabalho que gera diretamente mais valia, isto é, que valoriza o capital.

Dessa forma, surgem novas categorias, quais sejam: a mercadoria, que é, “antes de mais nada, um objeto externo, uma coisa que, por suas propriedades, satisfaz necessidades humanas, seja qual for a sua natureza, a origem delas, provenham do

estômago ou da fantasia” (Marx, 1978, p. 41), o dinheiro, que vai permitir a troca das mercadorias e o capital, que se relaciona com o lucro obtido pelo capitalista por meio da exploração do trabalho. Nesse sentido, Moradillo (2010, p. 109), ao analisar as ideias de Marx, discute que:

7

Para Marx, nessa coleção de mercadorias que constitui a sociabilidade burguesa, existem apenas dois tipos fundamentais de mercadoria: uma que é a força de trabalho e a outra que são todas as outras mercadorias. O valor da força de trabalho, que está associado a uma determinada quantidade de trabalho abstrato socialmente necessário para produzir os meios de subsistência do trabalhador e de sua família, é contratado pelo capitalista por um valor abaixo do que ele é. Em outras palavras: uma parte da força de trabalho do trabalhador passa a ser o trabalho necessário para sua subsistência e a outra parte passa a ser excedente, onde a mais valia se realiza, se transforma em mais valor.

O autor faz uma breve descrição do processo de exploração do trabalho pela burguesia. Assim, observa-se que nesse processo de exploração não é de interesse da classe dominante que a classe trabalhadora tenha acesso a excelentes condições de educação, tendo em vista que, se assim for, esta vai promover a consciência e buscar a transformação da sociedade.

Isso posto, adentramos na discussão do papel da Educação no processo de formação dos sujeitos, uma vez que o trabalho é o fundante do ser social, mas é apenas um dos momentos da realidade social. Além dele, existem outros, como a sociabilidade, a linguagem e a consciência. A educação, por exemplo, também aparece, desde os primórdios, na necessidade de compartilhar experiências (Moradillo, 2010), ou seja, a partir do trabalho, surgem outras necessidades humanas, dentre elas, a educação.

Silva (2015) também discute que Marx coloca o mestre-escola, o professor ou o docente (nomenclaturas atuais), como o sujeito que executa o trabalho de forma produtiva ou improdutiva. Como alguém que intenciona fazê-lo, está envolvido em um processo e pretende, com isso, obter um resultado a fim de satisfazer suas necessidades, produzir algo que detém valor de uso ou mesmo uma mercadoria. No caso do professor, por meio do seu trabalho ele modifica a si mesmo e modifica os outros.

Essa relação direta do trabalhador-professor com o produto do seu trabalho (o aluno educado) traz várias consequências para a sociedade.

Ao traçar discussões sobre o trabalho no campo da Educação, Saviani (2011) afirma que é por meio dele que os produtos da atividade dos indivíduos são desenvolvidos, bem como são formadas suas capacidades e desenvolvidos seus conhecimentos e hábitos. Dessa forma, na perspectiva marxista, o trabalho docente se configura como trabalho não material, pois o produto não se separa do ato de produção. Ou seja, o saber objetivo, que deve ser aprimorado pelo educando, permanece ligado aos sujeitos partícipes do processo e não se alheia do docente.

Nessa mesma linha, Saviani (2003) complementa que a Educação é um “trabalho não-material”, pois tem a ver com ideias, conceitos, valores, símbolos, hábitos, habilidades, ou seja, trata da produção do saber. O autor ainda destaca que a produção não-material se distingue em duas modalidades, quais sejam:

A primeira refere-se àquelas atividades em que o produto se separa dos produtos, como no caso dos livros objetos artísticos. Há, pois, nesse caso, um intervalo entre produto e consumo, possibilitando pela autonomia entre o produto e o ato de produção. A segunda diz respeito às atividades em que o produto não se separa do ato de produção. Nesse caso, não ocorre o intervalo antes observado; o ato de produção e o ato de consumo imbricam-se. A educação se insere na segunda modalidade, em que o produto não se separa da educação, ou seja, ela é simultaneamente produzida pelo professor no momento em que este transmite o saber sistematizado e o aluno se apropria deste saber, ou seja, é pelo trabalho não-material que o homem conhece o mundo (Saviani, 2003, p. 12).

Assim, podemos observar que estudiosos como Duarte (1993, 2004, 2007, 2012, 2016), Martins (2013) e Saviani (2011), a partir dos estudos de Marx, correlacionam a constituição do trabalho ao ser social para a escola, principalmente a partir das discussões sobre o trabalho educativo. Essas novas ideias devem ser (re)pensadas por meio de mediações do fazer educativo. Sendo assim, observa-se a importância da formação de professores com base nesse referencial teórico. No tópico a seguir, aprofundam-se as discussões sobre o trabalho educativo.



## 3 Atuação do Professor na Transição do 5º para o 6º Ano do Ensino Fundamental: o trabalho educativo em foco

Em termos ontológicos, o trabalho tem prioridade e é compreendido como a mediação ser humano-natureza, é fundante. A educação existe porque o trabalho permitiu o salto da esfera orgânica. O trabalho docente é, então, um pôr teleológico posterior. Atualmente, na configuração atual do trabalho capitalista, não se pode realizar trabalho sem o trabalho docente. Deste modo, entendemos que o processo de formação da humanidade, na atualidade, precisa do trabalho docente.

Desse modo, o trabalho é uma forma de produção da sociedade, assim como a educação, portanto, os dois, em conjunto, têm grande importância no processo de formação da humanidade nos sujeitos. Mas, para que esse processo de formação ocorra, é necessário o trabalho educativo, o qual Saviani (2003, p. 13) define como:

[...] o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Sendo que o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo.

Vê-se, portanto, que o trabalho educativo é uma ação intencional de produzir a humanidade nos sujeitos, de modo a garantir o conhecimento científico que foi historicamente produzido pela sociedade. Complementando, Saviani (2011, p. 12-13) expõe que:

Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo.

Duarte (2016), ao comentar a fala de Saviani, aponta que essa concepção de trabalho educativo emprega o conceito dialético de reprodução, isto é, que se trata de

produzir novamente, em cada indivíduo, a humanidade que está objetivada na cultura. Silva (2017, p. 81) complementa afirmando que:

O trabalho educativo atua, portanto, sobre uma parte da natureza, que é a natureza humana. Se o trabalho é, nas já citadas palavras de Marx, “condição universal do metabolismo entre o ser humano e a natureza”, poderíamos afirmar, agora pautando-nos em Saviani, que o trabalho educativo é condição universal do metabolismo entre o ser humano e a própria natureza humana.

10

A respeito disso, Duarte (2012) vê o trabalho educativo como uma produção direta e intencional. Relacionando as ideias de Marx e Saviani, especificamente sobre o caráter teleológico do trabalho, o autor diz o seguinte:

Em vários outros momentos de sua obra, Saviani demonstra apoiar-se na análise ontológica feita por Marx em “O Capital”, da natureza essencialmente teleológica do processo de trabalho. Assim, Saviani não poderia deixar de definir o trabalho educativo como uma atividade intencionalmente dirigida por fins. Daí o trabalho educativo diferenciar-se de formas espontâneas de educação, ocorridas em outras atividades, também dirigidas por fins, mas que não são os de produzir a humanidade no indivíduo. Quando isso ocorre, nessas atividades, trata-se de um resultado indireto e não intencional. Portanto, a produção no ato educativo é direta em dois sentidos. Em primeiro lugar, trata-se de uma relação direta entre educador e educando e, em segundo lugar, o resultado direto do trabalho educativo deve ser a humanização do indivíduo (Duarte, 2012, p. 54).

A discussão apresentada pelo autor demonstra a relação do trabalho educativo com a Psicologia Histórico-Cultural e a Pedagogia Histórico-crítica, tendo como base o Materialismo Histórico-Dialético para pensar a Educação. Entendemos, portanto, que não é qualquer trabalho educativo que vai gerar aprendizagem aos alunos, mas aquele que tenha como intenção a produção da humanidade dos sujeitos.

É por isso que Saviani (2011) discute que o trabalho educativo deve ocorrer com intencionalidade para a formação humana, para envolver um ensino direto e intencional. Para tal, são necessárias tanto a “identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos”, quanto a descoberta das “formas mais adequadas para atingir esses objetivos” (Saviani,

2011, p. 13). Portanto, não é qualquer ensino que será capaz de promover a formação de humanidade nos sujeitos, mas sim um ensino desenvolvente:

O ensino desenvolvente é, portanto, aquele que prima pelas aprendizagens que promovem transformações nas representações, pelos sujeitos, dos objetos e fenômenos dados à captação empírica. Estas transformações, por seu turno, resultam do fato de que entre sujeito e objeto interpõem-se os sistemas conceituais, que, por esta via, requalificam os conteúdos da consciência (Magalhães; Martins, 2020, p. 6).

11

A qualidade do ensino, concebida de forma intencional e planejada, levando em vista a dialética entre conteúdo e forma nas situações concretas da educação escolar, é o que qualifica o desenvolvimento dos estudantes, possibilitando a humanização em suas máximas possibilidades constituídas histórica e socialmente (Martins, 2013). Dessa forma, percebe-se que o trabalho educativo vai contribuir com a qualidade de ensino nos diferentes contextos da educação. Neste trabalho, damos destaque ao processo de transição do 5º para o 6º Ano do Ensino Fundamental, que se mostra como um grande desafio para os alunos dessa etapa da educação.

Portanto, como indicado por Francisco Júnior (2014), é necessário que os agentes escolares tenham conhecimento sobre as principais barreiras e dificuldades ocasionadas por esses processos, tanto da transição da infância para a adolescência quanto da passagem do 5º para o 6º ano, para promover um acompanhamento sistemático e auxiliar os alunos no enfrentamento das dificuldades escolares. A partir do exposto, observa-se que, para contribuir com o processo de transição aqui exposto, é preciso que os professores desenvolvam um trabalho educativo que seja intencional e considere o processo de ensino e aprendizagem dos alunos, a fim de proporcionar o contato com o conhecimento científico.

Ademais, é preciso que seja um trabalho educativo com intencionalidade de promover o processo de adaptação dos alunos à nova realidade, que conta com um número maior de professores e, conseqüentemente, formas distintas de atuar, além de um número maior de conteúdos e de atividades a serem desenvolvidas. Além disso,

deve-se levar em conta as inúmeras mudanças sociais, físicas e emocionais vivenciadas pelos alunos nessa fase de sua vida, conforme destacado por Gusmão (2001), Paula *et al.* (2018), Silva (1997).

Explorando essas dificuldades, apontamos os dizeres de Cunha (2016), ao afirmar que a transição para o 6º ano do Ensino Fundamental pode gerar expectativas nos alunos, o que, por sua vez, resulta em medos e dificuldades de aprendizagem produzidos pelas mudanças na rotina. A autora acrescenta que um dos problemas está relacionado ao número de aulas por dia e ao tempo destinado para cada disciplina. Além disso, os estudantes devem desenvolver trabalhos e entregá-los nas datas propostas pelos diversos professores, bem como organizar os materiais e os conteúdos.

Siqueira (2019) discute que o trabalho do professor deve ser direcionado para a mediação da relação teoria-prática, de forma dialética, na prática social global, de forma a transmitir os conhecimentos acumulados historicamente pela humanidade, o que vai espelhar no desenvolvimento de um trabalho educativo e intencional em sua atuação pedagógica.

Portanto, apontamos que o Materialismo Histórico-Dialético tem a contribuir com a prática pedagógica dos professores que atuam no processo de transição dos alunos do 5º para o 6º Ano do Ensino Fundamental, ao permitir que desenvolvam um trabalho educativo e que considere os aspectos da história, da filosofia e da ciência, articulado com as especificidades dos estudantes, levando-os a se apropriarem da nova realidade escolar.

Haja vista que a função social do ensino não é geral, as adaptações à cada fase elevam qualitativamente a formação humana pelos conhecimentos historicamente produzido e sistematizados pela humanidade. Entendemos que o salto qualitativo que se espera, por meio de práticas pedagógicas dos professores do 5º ao 6º ano, correspondam à preparação docente e discente para esse momento de transição, uma melhor qualidade no processo de ensino e aprendizagem, e níveis de fracasso escolar (reprovações, retenções, recuperações e progressões) menores.

## 4 Considerações finais

O Materialismo Histórico-Dialético, proposto por Marx, apresenta discussões sobre o trabalho como a relação do homem com a natureza, portanto, como fundante do ser social. Essa é uma categoria que muito contribui para se pensar os diferentes contextos da sociedade, principalmente no campo da Educação.

A partir da compreensão de trabalho, a Pedagogia Histórico-Crítica apresenta o trabalho educativo como uma maneira de desenvolver nos alunos a humanidade de forma intencional. Assim sendo, considera-se este como um dos contribuintes para o aprimoramento na formação do professor que acompanha o processo de transição dos estudantes do 5º para o 6º Ano do Ensino Fundamental, pois vai permitir que os docentes desenvolvam práticas pedagógicas que considerem o conteúdo científico, as especificidades dos alunos, a adaptação à nova rotina, a quantidade de professores e disciplinas, além das mudanças físicas, sociais e emocionais que os alunos vivenciam.

A pesquisa em questão apresenta uma contribuição significativa para a área de Educação e Pedagogia, ao oferecer uma abordagem teórica sólida e prática para enfrentar os desafios da transição do 5º para o 6º ano do Ensino Fundamental. Em primeiro lugar, a pesquisa conceitua e teoriza os desafios específicos enfrentados pelos alunos durante essa transição educacional crítica. Depois, proporciona uma compreensão desses desafios, algo valioso para professores, pais e pesquisadores interessados em apoiar os alunos nessa fase de mudança.

Além disso, a pesquisa destaca o Materialismo Histórico-Dialético como uma base teórica fundamental para a prática pedagógica. Ela ressalta a importância de considerar a relação entre trabalho, educação e formação da humanidade. Essa base teórica sólida pode influenciar positivamente a formação de professores e a qualidade do ensino no período de transição do 5º ao 6º ano.

Temos consciência de que nenhuma ação no contexto escolar deve ser feita de forma descontextualizada. As afirmações aqui apresentadas sobre as possíveis contribuições do materialismo histórico-dialético na transição dos alunos do 5º ao 6º ano,

só fazem sentido se o estudante estiver no centro das discussões. Conhecer a realidade e os sentimentos que os circundam nesse período se torna fundamental para se pensar os processos e promover o salto qualitativo, essa é uma das várias determinações que facilitará a transição nessa idade escolar.

Como sugestão para as próximas pesquisas, seria interessante comparar as experiências de transição em diferentes países ou regiões. Isso pode fornecer *insights* valiosos sobre abordagens educacionais eficazes em contextos diversos e colaborar com pesquisadores de outras áreas, como psicologia, sociologia e neurociência, para obter uma compreensão mais abrangente dos fatores que afetam a referida transição de períodos escolares.

14

## Referências

ADAMS, Fernanda Welter; MORADILLO, Edilson Fortuna. Formação de Professores de Química na Perspectiva Histórico-Social e a BNCC/BNFP: resistir ou perecer? *In: Anais do 2º Simpósio de Ensino em Ciências e Matemática do Nordeste. Anais...Fortaleza (CE), UFC, 2022, p. 01-06.*

CUNHA, J. M. G. da. **Dificuldades enfrentadas pelos alunos na transição do 5º para o 6º ano.** (Trabalho de conclusão de curso) - Universidade Federal do Paraná]. Acervo digital da UFPR, 2016.

DUARTE, N. **A individualidade para-si.** Campinas, SP: Autores Associados, 1993.

DUARTE, N. Formação do indivíduo, consciência e alienação: o ser humano na psicologia de A. N. Leontiev. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 24, n. 62, p. 44-63, 2004.

DUARTE, N. **Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vigotski.** Campinas, SP: Autores associados, 2007.

DUARTE, N. Luta de classes, educação e revolução. *In: SAVIANI, Dermeval; DUARTE, N. (org.). Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar.* Campinas: Autores Associados, 2012, p. 87-119

DUARTE, N. **Os conteúdos escolares e a ressurreição dos mortos:** contribuições à teoria histórico-crítica do currículo. Campinas: Autores Associados, 2016.

ENGELS, F. **Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem.** 1999. Disponível em: <https://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/livros-e-colecoes/marx-e-engels/sobre-o-papel-do-trabalho-na-transformacao-do.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2024.

FRANCISCO JÚNIOR, E. P. **O papel do gestor escolar na transição dos alunos do ensino fundamental** – anos iniciais para o ensino fundamental – anos finais. Monografia (Especialização em Gestão Escolar) - Universidade de Brasília, Brasília, Brasil, 2014.

GUSMÃO, B. B. **Dificuldade de aprendizagem:** um olhar crítico sobre os alunos de 5ª série. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -Universidade da Amazônia, Brasil, 2001.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. 2019

LAMEU, L. R. G. A Transição do Aluno do 5º ano para o 6º ano do Ensino Fundamental: articulações para superação das dificuldades de adaptação e aprendizado. **Caderno PDE**, Jacarezinho, PR, v. 1, p. 01-22, 2013.

LEONTIEV. A. N. **O desenvolvimento do psiquismo.** Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

MAGALHÃES, G. M.; MARTINS, L. M. Onze teses sobre a relação entre psicologia educacional e pedagogia escolar. **Revista Educação em Questão**, v. 58, n.55, p. 1-21, 2020.

MARTINS, L. M. **A formação social da personalidade do professor:** um enfoque vigotskiano. Campinas, SP: Autores Associado, 2007

MARTINS, L. M. Os fundamentos psicológicos da pedagogia histórico-crítica e os fundamentos pedagógicos da psicologia histórico-cultural. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 5, n. 2, p. 130-143, 2013.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos.** 2. ed. São Paulo, 1978.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos.** 1. ed. reimpressa. São Paulo: Boitempo, 2006.

MARX, K. **Para a Crítica da Economia Política.** 2. ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2008.

MORADILLO, E. F. **A dimensão prática da licenciatura em química da Ufba:** possibilidades para além da formação empírico-analítica. Tese (Doutorado em Ensino de História e Filosofia da Ciência) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil, 2010.

PAULA, A. P. de *et al.* Transição do 5º Para o 6º Ano no Ensino Fundamental: processo educacional de reflexão e debate. **Revista Ensaios Pedagógicos**, v. 8, n. 1, p. 33-52, 2018.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítico: primeiras aproximações**. 8. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

SILVA, M. H. G. F. D. da. **Passagem Sem Rito: as 5ª séries e seus professores**. Campinas SP: Editora Papyrus, 1997.

SILVA, B. R. **O trabalho docente e o sentido de ser professor no contexto da educação infantil**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão, Catalão, Brasil, 2015.

SILVA, E. M. **O trabalho educativo e a natureza humana: fundamentos ontológicos da pedagogia histórico-crítica**. Tese (Doutorado em Educação Escolar) - Universidade Estadual Paulista, Araraquara, Brasil, 2017.

SIQUEIRA, R. M. **Currículo e Políticas Curriculares para o Ensino Médio e para a disciplina Química no Brasil: uma análise na perspectiva histórico-crítica**. Tese (Doutorado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil, 2019.

<sup>i</sup> **Mara Cristina Tavares**, ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-6743-513X>

Universidade Federal de Catalão

Secretaria Municipal de Educação de Caldas Novas – GO

Secretaria de Educação de Goiás

Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Educação e Pedagoga pelo Instituto Luterano de Ensino Superior de Itumbiara. Professora na Secretaria Municipal de Educação de Caldas Novas – GO e na Secretaria de Educação de Goiás. É membro do Grupo de Pesquisa CIEED (Centro de Estudos e Pesquisas em Educação).

Contribuição de autoria: Coordenou a escrita do texto.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2272738797166416>.

E-mail: [maracristinata@gmail.com](mailto:maracristinata@gmail.com)

<sup>ii</sup> **Cláudia Tavares do Amaral**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2859-9353>

Universidade Federal de Catalão

Doutora em Educação pela Universidade de Lisboa. Professora do Magistério Superior no Curso de Pedagogia e no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Catalão.



Editora Chefe da Revista Poiesis Pedagógica e Líder do Grupo de Pesquisa CIEED (Centro de Estudos e Pesquisas em Educação).  
Contribuição de autoria: Orientação e Revisão.  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5752425496225866>  
E-mail: [claudia.amaral@ufcat.edu.br](mailto:claudia.amaral@ufcat.edu.br)

**Editora responsável:** Genifer Andrade

**Especialista *ad hoc*:** Karla Raphaella Costa Pereira e Leidiane Alves de Farias.

**Como citar este artigo (ABNT):**

TAVARES, Mara Cristina.; AMARAL, Cláudia Tavares do.; Transição do 5º ao 6º Ano do Ensino Fundamental sob a perspectiva do Materialismo Histórico-Dialético. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 6, e11857, 2024. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/11857/version/10854>

Recebido em 27 de outubro de 2023.  
Aceito em 02 de fevereiro de 2024.  
Publicado em 04 de março de 2024.